

GÊNERO E SEXUALIDADE ATUANDO NA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DAS MASCULINIDADES*

Milena Ximenes BRITO (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
milanaximenes@hotmail.com

ABSTRACT: Based on a socioconstrucionist view of discourse and on positioning theory, this paper investigates how gender and sexuality are used in the construction of meanings related to male gender identities. The data point to the essentialiazation of traditional traits attributed to male and female genders.

KEYWORDS: Socioconstrucionism; Positioning; Gender; Sexuality.

0. Introdução

Neste mundo de mudanças rápidas que vivemos na chamada modernidade tardia, traços de nossas identidades sociais (IDs) tornam-se elementos chave na definição e no entendimento de quem somos. Por esta razão, Woodward (1997) afirma que “a identidade tem sido vista como conceitualmente importante ao oferecer explicações para mudanças sociais e culturais”.

Entre tais mudanças, este trabalho focaliza como os traços de gênero e sexualidade são usados na construção de significados relacionados à identidade social de gênero masculino e como tais significados incluem alguns e excluem outros da masculinidade de prestígio (marcada principalmente pela heterossexualidade compulsória). A partir da conversa entre meninos e meninas de uma turma de 5º série sobre questões acerca da sexualidade e do gênero e revelam crenças e ideologias na constituição da masculinidade ideal. A análise aponta para uma confusão no entendimento de conceitos referentes a sexo, sexualidade e gênero.

Neste trabalho, entende-se sexo como a marca biológica, a sexualidade como o modo por meio do qual uma pessoa dirige seu desejo sexual e gênero como um conjunto de práticas simbólicas que ecoam culturas e ideologias, Connell (1995), ou seja, como uma marca social.

Adota-se, portanto, a concepção socioconstrucionista do discurso, segundo Fairclough (1992) e Moita Lopes (2002), visto que ela contempla a característica múltipla das identidades sociais (seção 1). Por serem múltiplas, as identidades sociais são passíveis de serem contraditórias ou até mesmo contestadas. Tal análise é possibilitada pelo uso do construto de posicionamento, de acordo com Davies & Harré (1990), presente na seção 2. Para entender as masculinidades é necessário compreender os conceitos de sexo e sexualidade que são apresentados na seção seguinte. O contexto e metodologia de pesquisa são expostos na seção 4. Já a seção 5 é dedicada à análise dos dados selecionados.

1. Socioconstrucionismo e as identidades sociais

Este trabalho adota a concepção socioconstrucionista do discurso, ou seja, caracteriza o discurso como uma ação na qual os significados são gerados pelos participantes de um evento discursivo específico. Desta forma, segue Fairclough quando este afirma que “o discurso é um modo de ação, uma forma pela qual as pessoas agem perante o mundo e especialmente perante uns aos outros”, Fairclough (1992:61). Isso significa dizer que ao interagirmos em práticas discursivas estamos constituindo o mundo em significados. Uma dessas atribuições de significado diz respeito às identidades sociais.

As identidades sociais são fundamentais na construção social do discurso, posto que fornecem uma gama de informações que colaboram na construção conjunta dos significados. Como afirma Woodward (1997:1), “a identidade nos dá uma idéia sobre quem somos, sobre como nos referimos aos outros e em relação ao mundo em que vivemos”. No que tange a identidade social de gênero masculino, pode-se afirmar que é esperado do homem, entre outros aspectos, a aptidão para os esportes e a racionalidade. Assim, em uma interação discursiva entre meninos espera-se a adesão deles a tais aspectos, visto que contribuirão para a construção da identidade social masculina na qual estão se engajando.

Contudo, tal construção coletiva de significado não ocorre sem embates. Como afirmam Davies & Harré (1990:58), “as pessoas como falantes adquirem crenças sobre elas mesmas que não formam necessariamente uma unidade coerente. Elas mudam de acordo com o discurso e com o posicionamento que assumem nas histórias em que se engajam”. Tal assertiva aponta a negação de uma essência das identidades sociais, inclusive, da identidade masculina. Ao participar de uma conversa um menino pode se construir de formas diversas e até mesmo antagônicas à masculinidade hegemônica (tal conceito será abordado na seção 4). Este pressuposto permite a afirmação da existência de contradição das identidades sociais, além de uma visão dinâmica das mesmas. Essa visão não estática das identidades indica sua categorização como “abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas” (Hall, 2000:46).

Afirmar que as identidades sociais são abertas é o mesmo que dizer que elas não são fixas, posto que somos construídos (e construímos nosso interlocutor) de formas distintas nos diferentes contextos discursivos em que nos engajamos. Logo, destaca-se o aspecto contraditório das IDs já que nos posicionamos e somos posicionados de formas diversas nas interações sociais em que participamos. Neste processo, vários traços de nossas identidades sociais atuam como, por exemplo, a raça, a classe social, a sexualidade e o gênero. Assim, um menino se constrói não só como pertencente ao gênero masculino, mas também como um negro ou branco, pobre ou rico ou ainda como homoerótico ou heterossexual, Moita Lopes (2002). Para o entendimento dessa dinâmica das identidades sociais Davies & Harré (1990) indicam o construto de posicionamento que será tratado a seguir.

2. O construto de posicionamento

De acordo com Davies & Harré (1990:47), posicionamento é “a expressão apropriada para tratar da produção discursiva de uma diversidade de identi-

dades”. Cabe apontar neste momento que esse fato é possibilitado pela concepção do discurso como ação, visto que posicionamento é “um processo discursivo no qual identidades são localizadas em conversas como participantes ativa/passivamente coerentes na produção conjunta de estórias”, Davies e Harré (1990:48).

O foco do posicionamento “está na forma como as práticas discursivas constituem os falantes e ouvintes em certos modos e como ao mesmo tempo é um recurso pelo qual falantes e ouvintes podem negociar novas posições”, Davies & Harré (1990 :62). Assim, fica evidente a possibilidade de agência por parte dos participantes discursivos, pois eles, em princípio, podem aceitar ou refutar como são posicionados além de se reposicionarem diante do interlocutor.

Reposicionar-se perante o interlocutor é possibilitado pelo que Davies & Harré (1990) chamam de posicionamento reflexivo, no qual o próprio indivíduo se posiciona. Já ser posicionado é possível de acordo com o posicionamento interacional, “no qual o que uma pessoa diz posiciona a outra”, Davies & Harré (1990). Dessa forma, nos construímos e construímos o outro em nossas interações discursivas. Assim, “assumimos práticas discursivas e narrativas como se fossem nossas e as entendemos em termos das nossas experiências particulares”, segundo Davies & Harré (1990:59). E é exatamente esse o fenômeno que quero estudar em relação à construção da identidade social de gênero masculino.

Assim, analisar o posicionamento em práticas discursivas de meninos possibilita analisar a construção de suas identidades como integrantes ou excluídos da masculinidade de prestígio, isto é, a hegemônica.

3. Sexo, sexualidade, gênero e as masculinidades

As IDs de gênero são cruciais no entendimento das relações sociais, posto que “gênero é fundamentalmente a forma como a prática social é ordenada” (Connell, 2000:58), ou seja, “ajuda a determinar a estrutura de instituições sociais” (Crawford, 1995:13). Assim sendo, entender a organização dos gêneros masculino e feminino significa entender o funcionamento de instituições como a família (em que às mulheres é atribuída à função de administradora e ao homem a de provedor) e a escola. Portanto, entende-se gênero como “pistas usadas para nos contar como nos comportar em relação aos outros nas interações sociais” (Crawford, 1995:14), logo como uma construção discursiva.

Gênero é, portanto, a elaboração cultural da marca biológica de sexo (Almeida, 1995:128). Além de ser “o que caracteriza masculino e feminino, é um construto social elaborado no discurso e que está discursivamente ligada ao sexo: homens devem ser masculinos e mulheres devem ser femininas” (Rolland, 2001). Já a marca biológica não é fator determinante da sexualidade do indivíduo, visto que “gênero existe precisamente porque a biologia não determina o social” (Connell, 2000:27). De acordo com Giddens (1992:25), “hoje em dia, a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’ ou cultiva, não mais uma condição natural que o indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido”. Assim, a recusa das práticas sexuais canônicas como a homos-

sexualidade, em oposição à heterossexualidade (compulsória) não é fator determinante do gênero e sim de sexualidade (cf. Badinter, 1992).

Portanto, no que diz respeito à identidade social de gênero masculino “‘ser homem’, no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção”, Almeida (1995:128). Faz parte desse processo, encontramos marcas da tradição definindo um tipo de verdade, conforme Giddens (2002:52) nas características atribuídas à masculinidade hegemônica (a que é tomada como norma) como racionalidade, apreço pelos esportes, desejo sexual (heterossexual) incontrolável, Moita Lopes (2002:157-158) além de traços de misoginia e homofobia (Badinter, 1992).

Uma alternativa a esta masculinidade tradicional seria o chamado “homem reconciliado” de Badinter (1992:165) que necessita ainda de “uma mudança radical nas mentalidades e uma profunda transformação nas condições da vida privada e profissional”. Esse seria um homem menos resistente às transformações propostas pela sociedade altamente reflexiva, Giddens (2002), em que vivemos.

4. Contexto e Metodologia de pesquisa

Para a realização desta pesquisa, seguiu-se uma metodologia de cunho etnográfico de base interpretativista. Esse modelo foi escolhido devido ao seu foco nos significados produzidos pelos atores engajados na prática discursiva a ser analisada, Erickson (1988:1082), característica essencial para o entendimento das masculinidades construídas no contexto analisado. Tal contexto são aulas de leitura de língua materna, ministradas por um professor, em uma turma de 5º série do ensino fundamental de uma escola da rede pública no Rio de Janeiro. Foram feitas gravações em áudio das aulas (10 aulas de 90 minutos cada), diários de pesquisa, duas entrevistas do tipo foco no grupo (90 minutos cada) além de notas de campo feitas pelos pesquisadores. Neste trabalho foram utilizados dados retirados das entrevistas (nas quais temas discutidos em sala de aula eram retomados), pois foi nesta interação que melhor ficou evidenciada a questão de pesquisa focalizada aqui.

5. Análise dos dados

Para a análise das entrevistas feitas com os alunos utilizo o conceito de *posicionamento* (interacional e reflexivo), Davies & Harré (1990) já apresentado, posto que desta forma é possível entender como os traços de gênero e sexualidade são usados na construção de significados em relação às masculinidades e a conseqüente inclusão ou exclusão dos meninos na masculinidade de prestígio. Nos trechos abaixo são discutidos tópicos relacionados à sexualidade e a essencialização de alguns traços identitários relacionados às masculinidades.

Seqüência 1 (entrevista realizada em 19/11/1999)¹

- 1 **Pesquisador:** Por exemplo, você acha que esse preconceito que a gente
 2 começou a falar do / negócio de raça / começou a falar do / do / José né. //
 3 Você acha que é igual aos preconceitos do / que //
 4 **João:** Porque lá ta fazendo um preconceito racial e ali era só um físico,
 5 psicológico assim / só porque eu sou baixinho, sou / assim / pra eles eu sou
 6 pirralho, entendeu? //
 7 **P:** E é isso e o que você acha da sexualidade. // É igual? //
 8 **João:** Nem tudo. //
 9 **P:** Por que que não é igual? //
 10 **João:** Ah, porque / eu acho que / é porque / porque ele quer seguir aquilo. //
 11 Então, ele não pode seguir aquilo. //
 12 **P:** E / e / o preconceito com a raça? // Você acha que é o mesmo preconceito?
 //
 13 **João:** Não. //
 14 **P:** Os dois são ruins ou um é pior?
 15 **João:** Não. // Eu acho que um é assim é / é / assim do negócio do /
 16 sexualidade assim eu acho que não pior nem menor. // É porque ele quer
 17 seguir, mas racial assim / físico e psicológico, / eu acho que é ruim sim. /
 18 Assim / porque, mas tem vezes que alguém brinca assim //
 19 **P:** Do tipo //
 20 **João:** Todinho //
 21 **P:** Todinho. / E pode fazer a pessoa / Ah / infeliz, não é? / Agora também
 22 falar pra uma pessoa / falar ó você é isso / você é bicha. / Que que você acha
 23 disso? // Acha que / fala / Ah fulano é bicha. //
 24 **João:** Como assim? //
 25 **P:** Por exemplo, um dia fala // Ah / lá vai o //
 26 **João:** Rosa e Rosinha //
 27 **P:** Chamar o outro de negro. // É ó / o negão não sei que lá não presta. // O
 28 outro fala lá vai Rosa e Rosinha. // É a mesma coisa. //
 29 **João:** Não. //
 30 **P:** Você acha que / que que você acha? //
 31 **João:** Eu acho que não é a mesma coisa porque Rosa e Rosinha / eles querem
 32 ser. //
 33 **Maria:** Homossexual. // [[Risos]]
 34 **João:** É. [[Risos]] E o outro não pode ser / é do nascimento dele. // É / é
 35 porque o garoto tem uma pinta de no rosto, / aí / Ah / fica falando tem pinta
 36 no rosto //
 37 **P:** Você acha que a pessoa nasce assim? //
 38 **João:** É. //

Nessa seqüência está sendo posto em discussão a questão do preconceito e suas manifestações lingüísticas pejorativas. O pesquisador indaga se há diferença entre o preconceito racial e o preconceito em relação à sexualidade. O aluno João afirma que sim (linhas 8, 9, 10, 11) posto que o homoerótico teve possibilidade da escolha enquanto o negro nasceu assim, logo, ele não seria culpado de ser negro.

O pesquisador pergunta ainda sobre a atribuição de apelidos a pessoas que fujam da “normalidade” como os homoeróticos que são chamados de bicha (linhas 22, 23). O pesquisador mal termina sua colocação (linha 25) e João mostra que entendeu o que ele quis dizer ao complementar a resposta do pesquisador com um exemplo do seu universo cotidiano ao dizer “Rosa e Rosinha” (linha 25). Este apelido é dado a dois alunos que sempre andam juntos e, inclusive vão ao banheiro juntos, prática atribuída ao gênero feminino. Ao citar este exemplo, João posiciona-se reflexivamente como um integrante da masculinidade hegemônica, pois aponta o outro como um representante da masculinidade alternativa (João não é homoerótico, logo é heterossexual). Percebe-se neste trecho o uso da sexualidade na exclusão de dois meninos da identidade de gênero masculino. Na seqüência a seguir, os alunos discutem se “ficar em casa” é um comportamento esperado de um menino.

Seqüência 2 (entrevista realizada em 22/11/1999)

- 1 **P:** E se um menino for quietinho em casa, / não arrumar namorada nenhuma / /
 2 **Maria:** Aí ele é enalhado //
 3 **Tiago:** Aí ele vai ser chamado de boy. //
 4 **Maria:** É. [[Risos]]
 5 **P:** Vai o quê? //
 6 **Tiago:** Ser chamado de boy. //
 7 **P:** Chamado de boy? //
 8 **Tiago:** É //
 9 **Maria e Luisa:** Boiola ! //
 10 **P:** Ah, / boiola / pensei que era boy. // Quer dizer que tem que chegar em
 11 casa e dizer /
 12 **Tiago:** Não, / não é / ficar com jeito de homem //
 13 **P:** Como é que é? //
 14 **Tiago:** Ficar em casa quieto / não sai, / não faz nada. //
 15 **P:** Isso não é coisa de homem? //
 16 **Maria:** De boy [[Risos]]
 17 **P:** O que que é coisa de boy //
 18 **Maria:** Boiola. //
 19 **P:** Boy eu não conheço. // Conheço boiola. // Boy e boiola é a mesma coisa? /
 /
 20 **Luisa:** É. //
 21 **P:** Hum, / Tiago / quer dizer que menino não pode ficar em casa quieto? //
 22 **Tiago:** Ah / pode / mas todo dia não. //

Ao serem indagados sobre como é encarado um menino que prefere ficar em casa e não tem namorada, meninos e meninas assumiram posicionamentos diferentes em relação aos interlocutores. Maria (linha 2) afirma que um menino com tal comportamento seria considerado “enalhado”, indicando um tradicional discurso que afirma que uma pessoa que não tem namorado(a) é enalhada. É interessante notar que essa é, em geral, uma atribuição dada às mulhe-

res, logo, a configuração de uma atribuição geralmente dada ao gênero feminino excluiria um menino da masculinidade de prestígio.

Já Tiago (linhas 3, 6, 12 e 22) posiciona-se reflexivamente nesta conversa como um membro da masculinidade hegemônica, pois ao apontar o menino que não sai de casa como um “boiola”, inclui-se e exclui o menino com tal comportamento da masculinidade socialmente sancionada, ou seja, a que advoga por um desejo sexual heterossexual incontrolável inato dos homens, segundo Moita Lopes (2002).

6. Considerações finais

Esse trabalho teve por objetivo mostrar como os posicionamentos assumidos por alunos incluem ou excluem outros da agenda da masculinidade hegemônica. Na primeira seqüência, o aluno João posiciona interacionalmente os alunos que recebem o apelido de Rosa e Rosinha como integrantes da masculinidade homoerótica e assim posiciona-se como um integrante da masculinidade hegemônica.

Já na segunda seqüência os alunos Maria e Tiago, amparados pela tradição, posicionaram-se de forma conservadora ao atribuir uma masculinidade gay a um colega que não age em conformidade com as regras da masculinidade almejada.

Tais evidências mostram o uso do conceito de sexualidade para a definição da identidade social de gênero. A análise dos dados aponta, portanto, para a essencialização das práticas de gênero, visto que traços tradicionalmente atribuídos aos gêneros masculino e feminino, como a heterossexualidade compulsória, são utilizados na inclusão ou exclusão de meninos nas masculinidades que estão sendo construídas nas interações analisadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- CONNELL, Robert. *The Man and the Boys*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- CRAWFORD, Mary. *Talking Difference*. London: Sage, 1995.
- DAVIES, Bronwyn & HARRÉ, Rom. Positioning: The Discursive Production of Selves. In *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 1990.
- ERICKSON, Frederick. Ethnographic description. In *Sociolinguistics*, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. *Mundo em descontrole*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- ROLAND, Beatriz da Silva. *A construção de uma Masculinidade Homossexual na Escola: Uma Análise Sócio-Discursiva de uma História de Vida*. Dissertação de Mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, 2001, UFRJ.
- WOODWARD, Kathryn. *Identity and Difference*. London: Sage publications, 1997.

NOTAS

*A pesquisa relatada aqui foi desenvolvida durante minha bolsa de Iniciação Científica (CNPq) junto ao Projeto Discurso, Narrativa e Construção das Masculinidades na Escola, coordenado pelo professor Luiz Paulo da Moita Lopes, com o apoio do CNPq (523548/96-6) e FAPERJ (E-26/151.6689/2000 – Programa Cientistas do Nosso Estado). Os dados relatados pertencem ao acervo do Projeto.

¹ Legenda da transcrição: [[Risos]] Risos; / Pausa curta; // Pausa longa; [[inint]] Som ininteligível; (...) Trecho omitido. Os nomes dos alunos são fictícios.